



RIO-TORTO, Graça. **Interface morfologia-sintaxe-semântica: variação flexional em compostos NN.** *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Número especial 2013. [<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>]

INTERFACE MORFOLOGIA-SINTAXE-SEMÂNTICA: VARIAÇÃO FLEXIONAL EM COMPOSTOS NN

Graça Rio-Torto¹

RESUMO

Este trabalho visa descrever a variação flexional de uma subclasse de compostos NN da Língua Portuguesa (do Brasil e de Portugal), e analisar as motivações dessa variação à luz de critérios de natureza morfossemântica. A reflexão sobre os dados empíricos permite observar a necessidade de articular morfologia, sintaxe e semântica para explicar as diferentes leituras que tais construções convocam.

PALAVRAS-CHAVE: Compostos; Interfaces; Morfologia, Semântica; Flexão.

ABSTRACT

This paper aims to describe the inflectional variation of a subclass of NN Portuguese compounds (Brazil and Portugal), and analyze the motivations of this variation in the light of morphosemantic criteria. The reflection on the empirical data allows us to observe the need to articulate morphology, syntax and semantics to explain the different readings that such constructions evoke.

KEYWORDS: Compound; Interfaces, Morphology; Semantics; Inflection.

Introdução

No acervo lexical das línguas naturais, há diversos sectores cuja natureza se revela poliédrica, que requer, portanto, um tratamento interfácico dos diferentes domínios da gramática da língua envolvidos no seu funcionamento. Um desses sectores é o das construções binominais N1N2, como *palavra-chave*, construções que têm sido objeto de controvérsia, por duas ordens de razões: (i) a mesma estrutura

1. Professora Associada com Agregação em Linguística na Universidade de Coimbra, DLLC, CELGA. Possui vários livros e capítulos de livros publicados, bem como numerosos artigos em revistas nacionais e internacionais e em actas de congressos. Orientou mais de quatro dezenas de dissertações de mestrado e de doutoramento. Nas suas actividades profissionais, interagiu com vários colaboradores em co-autoria de trabalhos científicos. Áreas de investigação preferenciais: linguística, língua portuguesa, formação de palavras, léxico, morfologia, semântica, ensino de PL1 e PL2. E-mail: gracart@gmail.com,

lexical é vista como fruto de coordenação, de subordinação ou como uma construção atributiva; e (ii) quando o plural é sintaticamente obrigatório, N1 é sistematicamente pluralizado; mas N2 ou rejeita plural ou se comporta como um predicador, sendo marcado flexionalmente.

Em nosso entender, o tratamento destas construções envolve necessariamente uma dimensão morfológica, uma dimensão semântica, uma dimensão sintáctica, convocadas em função de objetivos pragmáticos específicos, que não podem ser descuradas nem consideradas de outro modo que não seja em estreita articulação umas com as outras.

O comportamento contrastante destas construções com o dos sintagmas (cf. RIBEIRO & RIO-TORTO 2009, RIO-TORTO & RIBEIRO 2009, 2012) leva-nos a considerar os NN com N2 em aposição como um tipo específico de compostos. Com efeito, estes NN exibem todas as propriedades típicas dos compostos, não admitindo a estrutura e a flexibilidade internas típicas dos sintagmas livres.

Os compostos da língua portuguesa caracterizam-se por uma relação estreita entre a sua estrutura interna e os padrões flexionais: por defeito, o núcleo do composto é flexionado.

Os NN assentes numa relação semântica atributiva são particularmente instáveis e problemáticos em matéria de flexão. Por isso a variação flexional, amplamente atestada, ajuda a determinar o estatuto desses nomes em aposição. A reflexão aqui apresentada assenta, pois, na hipótese de que a análise da variação flexional dos compostos NN atributivos do Português assume um papel crucial na descrição das classes de construções predicativas materializadas em NN.

A análise é suportada por dados empíricos da língua portuguesa contemporânea, extraídos da base de dados www.linguateca.pt, contendo materiais da língua falada e escrita no Brasil e em Portugal. Mais especificamente, foram recolhidos dados de duas fontes jornalísticas, o *CETEMFolha* (jornal Folha de São Paulo), www.linguateca.pt/cetemfolha/ e o *CETEMPublico* (jornal português denominado *Público*), www.linguateca.pt/cetempublico/, para assim não heterogeneizar a análise.

Começamos por explorar as descrições fornecidas pelas gramáticas de referência e pelos estudos linguísticos (secção 2), apresentamos os dados recolhidos (secção 3.) e procedemos à sua descrição (secção 4.) à luz dos pressupostos expendidos e convocados como relevantes para uma caracterização explicativa e não unilinear dos mesmos.

O que dizem as gramáticas e os estudos linguísticos

Na sua *Nova gramática do Português contemporâneo*, Cunha & Cintra assinalam três situações quanto ao comportamento flexional de NN:

(i) flexão impositiva de N1: só o primeiro termo pluraliza quando o segundo é um N que funciona como determinante específico:

(01) *navios-escola, salários-família, bananas-prata, mangas-espada*

(ii) flutuação flexional quando os termos componentes se ligam por hífen, podendo então variar todos ou apenas um deles: *couves-flores* (a configuração que os autores explicitam), por contraste com *guardas-marinha*, em que só N1 se pluraliza.

(iii) situação de tendencial dupla flexão: «Geralmente» (Cunha & Cintra 1984: 188-189) ambos pluralizam quando o composto é constituído por dois substantivos (*cartas-bilhetes, tenentes-coronéis*), ou de um substantivo e um adjetivo (*amores-perfeitos, águas-marinhas*).

Em (iii), são mencionadas duas classes diferentes de compostos: uma de coordenação (*cartas-bilhetes, tenentes-coronéis*) e outra de flexão impositiva entre adjetivo e nome (*amores-perfeitos, águas-marinhas*).

Na *Moderna Gramática Portuguesa*, Evanildo Bechara descreve três classes de NN em função do seu comportamento quanto à flexão:

(i) NN em que N2 limita/especifica o significado de N1: neste caso, só N1 flexiona:

(02) *indivíduos-controle, grupos-alvo, grupos-placebo, hospitais-escola, palavras-chave*

(ii) NN em que N2 exprime fim, semelhança, ou limita a significação do primeiro; neste caso apenas N1 flexiona:

(03) *navios-escola, mangas-rosa, peixes-boi, salários-família*

(iii) NN em que ambos N flexionam:

(04) *cartas-bilhetes*

No seu livro *Formação e classes de palavras no PB*, Basílio assinala quatro situações quanto ao estatuto de N2:

(i) N2 preenchido por substantivos como qualificadores (Basílio 2004: 89-91):

(05) *empresa-fantasma, engarrafamento-monstro, escola-padrão, festa-surpresa, sessão-relâmpago, posições-chave* (idem: 41)

(ii) N2 preenchido por substantivos como complementos:

(06) *custo Brasil, fator miséria, setor educação, elemento câmbio, elemento surpresa*

(iii) N2 preenchido por substantivos como especificadores:

(07) *sapatos-areia, verde alface, cinza chumbo*

(iv) situação em que há hierarquia de foco, e em que N1 é tomado como agente principal:

(08) *sociólogo-presidente, candidato-empresário, terrorista-suicida*

Depreende-se que em (i-ii-iii) apenas N1 pluraliza (cf. *posições-chave, sapatos-areia*).

De salientar o duplo estatuto de *surpresa*, que ora é incluído no conjunto dos nomes qualificadores (cf. *festa-surpresa*) ora no dos complemento (cf. *elemento surpresa*).

Rio-Torto & Ribeiro (2009, 2012) postulam a existência de quatro classes de compostos em função do seu comportamento flexional. As quatro classes, em que os diferentes intervenientes do composto são ou não flexionados têm estreita relação com o tipo de relação grammatical que preside à estrutura interna do composto: relação de coordenação, de subordinação ou de modificação.

São as seguintes as classes delimitadas pelas autoras:

(i). Marcação flexional em ambos os elementos compositivos:

$[X_{pl} Y_{pl}] : [NN]_N$ coordenados: *padaria(s)-pastelaria(s), trabalhador(es)-estudante(s)*

(ii). Marcação flexional apenas no núcleo (à Esq^a):

$[X_{pl} Y]$: *caminho(s) de ferro, chapéu(s) de chuva, prato(s) do dia*

(iii). Marcação flexional na fronteira direita e com escopo sobre toda a construção:

$[X Y]_{pl}$ *cardiogramas, agro-indústria(s), ítalo-americano(s), maníaco-depressivo(s)*.

(iv). Marca flexional no determinante que precede o composto:

Det_{pl} [X Y]: *o(s) beija-mão, o(s) lava-louça*

O quadro seguinte, em (09), sintetiza as quatro classes flexionais, distribuídas pelas diferentes classes de relações gramaticais intracomposto.

(09)

Padrões de flexão	Modificação	Subordinação	Coordenação
1. [X _{flexão} Y]	<i>fins de semana</i> <i>palavras-chave</i>	<i>processadores</i> <i>de texto</i>	*
2. [X _{flexão} Y _{flexão}]	<i>baixos relevos</i> <i>armas brancas</i>	*	<i>bebés-atores</i> <i>surdos-mudos</i>
3. [XY] _{flex}	<i>democracias</i>	<i>herbicidas</i>	<i>hispano-americanos</i>
4. [Det _{flex} [XY]]	<i>os fala-barato</i>	<i>os sabe-tudo</i>	<i>os para-arranca</i>

Esta caracterização não reflete, contudo, a variação flexional que se verifica em NN com N2 em oposição de tipo predicativa, como se explicita nos exemplos seguintes:

(10) *pontos-limite* e *pontos-limites*

licenças-maternidade(s), *licenças-paternidade(s)*

licenças-prêmios (Aurélio 2004)

pombos-correio e *pombos-correios* (Houaiss 2001).

Dados empíricos

O quadro seguinte reúne os dados recolhidos em www.linguateca.pt, no CetemPublico e no CetemFolha (recolha afetuada em 10 de Outubro de 2012), representativos da escrita jornalística praticada em Portugal e no Brasil contemporâneos.

As unidades NN compulsadas são algumas das que se encontram mencionadas nos estudos sobre a língua portuguesa como atestando alguma forma de flutuação na sua marcação de plural. Como

veremos, neste conjunto encontram-se NN de classes diferentes, desde os que exibem uma relação de coordenação aos que exibem uma relação de modificação. Em todo o caso, dado tratar-se de NN abundantemente abonados na literatura sobre compostos, pretendemos observar o seu comportamento, nas fontes mencionadas.

Os números correspondem às ocorrências registadas em cada um dos *subcorpora*.

(11)

Flexão singulativa: [N _{FLEXÃO} N]			Flexão dupla: [N _{FLEXÃO} N _{FLEXÃO}]		
	CETM Público	Folha SP		CETM Público	Folha SP
decretos-lei	179	3	decretos-leis	60	9
palavras-chave	179	23	palavras-chaves	3	9
projectos-piloto	89	2	projectos-pilotos	3	0
pombos-correio	21	0	pombos-correios	15	1
homens-rã	12	0	homens-rãs	9	0
idades-dormitório	12	0	idades-dormitórios	3	2
idades-fantasma	5	3	idades-fantasmas	4	1
empresas-fantasma	7	1	empresas-fantasmas	4	1
fatos-macaco	14	0	fatos-macacos	7	0
cafés-concerto	17	0	cafés-concertos	4	0
mulheres-objecto	2	0	mulheres-objectos	0	0
visitas-relâmpago	5	5	visitas-relâmpagos	0	0
governos-sombra	4	0	governos-sombras	0	0
cães-polícia	23	0	cães-polícias	33	0
couves-flor	1	0	couves-flores	5	0

A primeira observação que se impõe é a de que algumas das unidades lexicais seleccionadas ocorrem mais no jornal português que no brasileiro. Até mesmo *palavra-chave* ou *cidade-fantasma*, de uso tão generalizado, estão menos vezes representadas no CetemFolha que no CetemPublico (3 vs. 179 e 4 vs. 7, respetivamente). Já pelo contrário *cães-polícias* registam 33 ocorrências no *Folha de São Paulo* contra *cães-polícia* no *Público* (Portugal). Também *couves-flores* ocorre mais vezes no CetemFolha do que no CetemPublico (5 vs. 1 vez).

A segunda observação que se impõe é a de que os valores numéricos de flexão singulativa são bem mais elevados que os de dupla flexão, o que indicia que esta não está tão sedimentada quanto a primeira, ou seja, a flexão singulativa, mais conservadora e tradicional, é a mais enraizada nos textos jornalísticos escrutinados.

Tenha-se em conta que a observação de outras fontes escritas, disponíveis na web, pode aportar resultados pontualmente diferentes, nomeadamente uma maior propensão para a dupla flexão de alguns destes compostos. Mas tais resultados em nada anulam os valores numéricos aqui registados, nem a tendência da língua em optar ora por uma flexão singulativa, ora por uma flexão dupla, antes confirmam a oscilação que todos conhecemos.

Discussão dos dados: hipóteses de explicação

NN [+predicativos] E NN [-predicativos]

A primeira distinção a estabelecer prende-se com o facto de aqui não estar em análise uma das duas classes de NN não coordenativos que a língua portuguesa contemporânea possui.

São duas as classes NN não coordenativos:

(i) **NN em que N2 é um nome [-predicativo]**: neste caso, os compostos são construções binominais cuja cabeça lexical se situa na margem esquerda do produto, e em cuja margem direita ocorrem nomes de certo modo já padronizados nestas construções e que preenchem a função temática de fonte (*médico*) e de finalidade (*automóvel*, *(des)emprego*, *família*, *habitação*, *oferta*, *refeição*, *reforma*, *saúde*), para mencionar as mais representadas.

O quadro seguinte, em (12), visualiza alguns desses exemplos.

(12)

N2	N1N2
<i>automóvel</i>	<i>imposto automóvel, parque automóvel</i>
<i>auxílio</i>	<i>bolsa-auxílio (PB)</i>
<i>(des)emprego</i>	<i>auxílio-desemprego (PB)</i>
<i>escola</i>	<i>bolsa-escola (PB), cheque-escola</i>
<i>família</i>	<i>bolsa-família (PB), cheque-família, salário-família (PB), seguro-família</i>
<i>habitação</i>	<i>poupança-habitação</i>
<i>médico</i>	<i>atestado médico, consultório médico</i>
<i>oferta</i>	<i>cheque-oferta</i>
<i>refeição</i>	<i>vale-refeição</i>
<i>reforma</i>	<i>poupança-reforma</i>
<i>saúde</i>	<i>cheque-saúde, seguro-saúde</i>
<i>viagem</i>	<i>artigos-viagem, cheque-viagem, mala-viagem</i>

Neste universo de dados, N2 denota uma subclasse, de tipo télico (*artigos-viagem*, *seguro-saúde*) ou outro, como FONTE (*atestado-médico*) de N1. O todo refere-se a uma classe de entidades (N1) que é subespecificada por N2. Nestes casos, como em outros de construções subordinadas, só N1 é marcado por pluralização.

(ii) **NN em que N2 é um nome [+predicativo]:** trata-se de nomes em que N2 é preenchido com *chave*, *fantasma*, *farsa*, *líder*, *limite*, *mãe*, *piloto*, *prodígio*, *relâmpago*, *sombra*, *surpresa*, como as listadas em (13), a seguir:

(13)	<i>palavras-chave(s)</i>	<i>momento(s)-chave</i>
	<i>empresa-fantasma</i>	<i>eleições-farsa</i>
	<i>empresa-líder</i>	<i>empresa-mãe</i>
	<i>situação-limite</i>	<i>projeto-piloto</i>
	<i>crianças-prodígio</i>	<i>viagem-relâmpago</i>
	<i>governo-sombra</i>	<i>festa-surpresa</i>

Como veremos, a oscilação flexional de N2 é neles assinalável.

NN [+predicativos]

Os nomes (N₁N₂) do tipo dos de (36-47), e que são doravante representados por *palavra(s)-chave(s)*, exibem duas propriedades incontornáveis: (i) não são compostos coordenativos e (ii) não contêm um adjetivo que suporte a dupla flexão.

Não se trata de compostos coordenativos porque não preenchem os requisitos característicos destes:

(i) a relação semântica que estabelecem entre si não é de adição ou de conjunção, como a que está presente em *bar-restaurante*, *gato-sapato*, *claro-escuro*, *morto-vivo*, *nado-morto*, *pára-arranca*;

(ii) a relação em que assentam não é simétrica, típica dos compostos coordenados, mas uma relação de modificação de N2 sobre N1, o núcleo do composto;

(iii) não são nomes binucleares, mas mononucleares;

(iv) nos compostos coordenados ambos os membros pertencem à mesma classe lexical e a áreas semântico-denotacionais próximas ou compatíveis (*bar-restaurante*, *claro-escuro*, *pára-arranca*); nos compostos de que nos ocupamos, N1 pode possuir traços de uma área/classe semântica diversa da de N2, como o atestam *casa-mãe*, *momento(s)-chave*, *empresa-fantasma*, *viagem-relâmpago*

NN como *empresas-fantasma*, *palavras-chave*, *situações-limite*, *visitas-relâmpago*, são **compostos endocêntricos** com **núcleo à esquerda**: uma *empresa-fantasma* denota um tipo de empresa, uma *palavra-chave* denota um tipo de palavra, uma *situação-limite* denota um tipo de situação, uma *visita-relâmpago* denota um tipo de visita. Não se trata portanto de nomes binucleares, mas mononucleares.

O género é dedutível a partir do do núcleo:

(14)	as	<i>empresas-</i>	<i>fantasma</i>
	(FEM.PL)	(FEM.PL)	(MASC.SING)

(15)	os	<i>homens-</i>	<i>rã</i>
	(MASC.PL)	(MASC.PL)	(FEM.SING)

O produto NN pode ser parafraseado por um nome ‘que é um N1 e ao mesmo tempo um N2, numa leitura figural deste’.

Semanticamente, tem, pois, lugar uma relação atributiva entre N2 e N1, já que N2 modifica, através de alguns dos seus traços sémicos prototípicos e figurais, a intensão do núcleo (N1) do composto: *chave* equivale a ‘crucial, fundamental, indispensável’, *fantasma* equivale a ‘inexistente, falso’, *limite* equivale a ‘extremo’, *relâmpago* a equivale a ‘curto e inesperado’, *surpresa* equivale a ‘inesperado’.

Flutuação flexional de n2

Como se observa pelos dados expostos no quadro 2, há alguma flutuação nas estratégias de pluralização de N2, e os dados observáveis no Google, por exemplo, atestam uma tendência crescente para a pluralização de N2, sobretudo em registos mais informais de língua.

Em cotexto sintático de pluralização, N1 é impositivamente marcado pelo plural gramatical. Mas como explicar esta flutuação na pluralização de N2?

As hipóteses que aqui defendemos vão no seguinte sentido:

- (i) N2 não é um adjetivo, mas um nome;
- (ii) A pluralização de N2 não transforma este num adjetivo
- (iii) A pluralização de N2 deve-se ao seu estatuto predicativo
- (iv) Uma dupla leitura de N2 explica a sua não pluralização ou a sua pluralização

Estes N2 não são nomes prototípicos, pois ao mesmo tempo que denotam uma classe de entidades (um fantasma, um líder, um relâmpago), funcionam como predicadores, ou seja, atribuem propriedades. Duma só penada perfazem duas funções: delimitam uma classe de entidades mas fazem-no com base numa propriedade: *chave* codifica ‘crucial, fundamental, indispensável’, *fantasma* ‘inexistente, falsa’, *limite* ‘extreme’, *relâmpago* ‘curta e inesperada’, *surpresa* ‘inesperada’.

Quando o adjetivo corradical está disponível, o adjetivo não é equivalente ao nome N2:

- (16) a. [*crianças*]_N [*prodígio(s)*]_N
 b. [*crianças*]_N [*prodigiosas*]_A

O adjetivo atribui uma propriedade estável à entidade denotada por N1; para além do seu poder categorizador, N2 modifica N1 (cf. 50 a.) através de um traço predicativo (um *prodígio* ‘algo de extraordinário’). N1 é caracterizado por um nome que é também um predicador. Deste modo, N1 não é definido ou definitivamente caracterizado por uma propriedade codificada por um adjetivo de estado, como *prodigioso* (cf. 50 b.).

Em suma: o nome é uma escolha mais otimizada e impressiva do que a do adjetivo corradical, que aliás nem sempre está disponível na língua. A coesão interna do composto é, pois, reforçada, pela presença de um nome. Um adjetivo pode ser deslocado (NA ou AN) e modificado, o que não acontece com N2.

Vamos agora tentar articular a dualidade de manifestação do plural com a natureza predicativa de N2. Recorde-se que a língua portuguesa culta é muito rica em termos de flexão: os determinantes e os modificadores concordam flexionalmente com o N núcleo de um sintagma ou de uma construção nominal. A flexão é sistemática quando o modificador é preenchido por um adjetivo, e assistemática quando preenchido por um nome.

As hipóteses que aqui postulamos são as seguintes:

- (i) A natureza predicativa de N2 permite duas leituras de NN

(ii) Os N2 em estudo são categorialmente nomes, mas têm função predicativa.

(iii) As sequências $[N_1N_2]$ em estudo correspondem a uma estrutura NA, em que A equivale a um ‘nome atributivo’. A construção de ‘binominais modificados’ (Martinho 2007) assenta numa relação de modificação adnominal.

(iv) Estas construções NN admitem dois tipos de projeções e de leituras: como palavras pluri-lexemáticas, podem ter uma leitura mais e menos sintagmática, e diferentes padrões de flexão.

(v) A flexão sistemática de N1 e de N2 está mais próxima da coordenação e a oscilação flexional de N2 está mais próxima da atribuição.

Fábregas (2005: 201-203) distingue duas subclasses de posições predicativas: (i) Partitivas: *pantalones campana* ‘calças à boca de sino’, ‘calças com forma de um sino’; e (ii) Holísticas: *poeta pintor* ‘um poeta que é também um pintor’.

Importa explicar que um composto coordenativo como *poeta pintor* é encarado pelo A. como um exemplo de posição predicativa pelo facto de se tratar de uma construção apositiva em que N2 «express a certain property or set of properties of the noun which they modify. In this sense, they act as predicates, so we will refer to them as predicative appositions». (Fábregas 2005: 203).

No caso de *poeta-pintor* ou de *rei-filósofo*, fala-se de **predicação holística** porque N2 continua a denotar todas as propriedades que o definem quando funciona isoladamente (idem: 203: «the noun denotes the complete set of properties that define the entity that it denotes in isolation»). Como assinala Fábregas, em *rei-filósofo* trata-se de um rei que é simultaneamente um filósofo, e não de um rei que tem apenas algumas das propriedades típicas de um filósofo, como por exemplo ser introspetivo ou reflexivo. Por isso *rei-filósofo* admite uma paráfrase do tipo de ‘X é um rei e um filósofo’.

Já nas predicações partitivas N2 denota apenas algumas das suas propriedades que exhibe quando funciona como cabeça de um sintagma nominal². Por isso *rei-sol* ou esp. *pantalones campana* não podem ser parafraçados por ‘X é um rei e um sol’ ou ‘X é uma calça e um sino’.

Assim, estes N2 com valor predicativo funcionam do seguinte modo: N2 qualifica N1 com algumas das propriedades prototípicas de N2, pelo que o NN corresponde a ‘N1 com algumas propriedades qualitativas de N2’.

2. Uma construção NN com uma predicação partitiva é assim definida por Fábregas 2006, p. 114: «en ella el nucleo es un sintagma predicación (Bowers 1993, 2001), una proyección relacional que selecciona como complemento un predicado y como especificador el argumento del predicado».

Em construções do tipo de *desporto-rei*, *empresa-líder*, *escola-piloto*, *situação-limite*, uma propriedade estereotípica é associada a uma entidade (*limite* ‘extremo’, *líder* ‘com capacidade/funções de liderança’, *piloto* ‘pioneiro’, *rei* ‘mais valorizado, mais importante’), mas a palavra que codifica tal propriedade não é um adjetivo. Assim, estes N2 comportam-se como nomes, rejeitando o plural, ou como adjetivos, sendo pluralizados em conjunto com o nome que modificam.

Numa construção como *festas surpresa*, N2 é um nome, não um adjetivo, o que explica que o seu plural não seja sistemático. Mas N2 tem valor atributivo, o nome *surpresa* associa ao seu poder categorizador um poder predicativo: em *festas surpreendentes* o adjetivo corradical *surpreendentes* tem poder predicativo mas não possui poder categorizador.

É, pois, a natureza predicativa de N2 em aposição que suporta a sua leitura partitiva e/ou holística (cf. também MERY 1983). A flutuação flexional a que se prestam materializa de forma impressiva a sua natureza dúplice.

O quadro seguinte procura visaulizar como, configurando um contínuo, a dupla flexão (*empresas-chaves*) está mais próxima de uma predicação holística e uma só marca de flexão, em N1 (*empresas-chave*) está mais próxima de uma predicação partitiva.

A predicação partitiva e a holística configuram dois pólos de uma escala entre flexão singulativa e dupla flexão (a)sistemática. Os dados encontram-se distribuídos num *continuum* com base nestas duas dimensões.

A coluna da esquerda contém NN com N2 [-Plural] e no outro extremo da escala ocorrem NN em que ambos os nomes são pluralizados. Na posição central deste *continuum* situam-se as construções NN com um estatuto híbrido: semanticamente estão mais próximas da atribuição e flexionalmente comportam-se como compostos atributivos em que N2 ora ocorre no singular, ora no plural; a predicação que codificam encontra-se entre a partitiva e a holística.

(16)

Predicação partitiva		Predicação holística	
N2 [\pm Plural] (oscilação flexional)		N2 [+Plural]	
Flexão singulativa	Dupla flexão	Dupla flexão (sistemática)	
<i>empresas-chave</i>	<i>empresas-chaves</i>	<i>escolas-empresas</i>	
<i>empresas-líder</i>	<i>empresas-líderes</i>	<i>igrejas-fortalezas</i>	
Atribuição	<----->	Coordenação	
Flexão singulativa	<----->	Dupla flexão	

A flexão dupla sistemática está mais próxima da coordenação (sendo nesta impositiva), e a oscilação flexional está mais próxima da atribuição. A flexão singulativa é típica de uma predicação partitiva e a dupla flexão da predicação holística.

Conclusões

O tratamento da variação flexional em compostos binominais com N2 predicativos requer uma articulação forte entre morfologia, sintaxe e semântica. A morfologia intervém de logo porque há oscilação flexional morfológicamente codificada: N1 é sistematicamente [+PL] e N2 [\pm PL]. A classe lexical de N2 diz respeito a várias áreas de língua: N2 é um nome, mas com semantismo e função predicativo/a. É uma relação de tipo sintático a que se estabelece entre N1, que funciona como [+núcleo], e N2 [-núcleo]; é também de tipo sintático e semântico a relação de modificação que N2 estabelece com N1. Por fim, a possibilidade de N2 ser [\pm PL] envolve várias dimensões, pois assenta na natureza nominal e predicativa de N2.

As oscilações no plural de N2 depende do modo como este é processado pelos falantes: um nome não pluralizado, codificador de uma predicação partitiva ou um nome agente de uma predicação holística e, como tal, marcado por pluralização.

Como desde há muito alguns estudiosos da linguagem têm valorizado (Rio-Torto 1993, Gonçalves & Almeida 2004), Basílio 2004), o conhecimento do funcionamento da linguagem muito ganha com — para não ser radical e dizer só pode fazer-se com — abordagens não sectoriais e não unidimensionais dos dados empíricos. A natureza poliédrica dos fenómenos linguísticos convoca portanto um tratamento interfácico das diferentes dimensões da gramática da língua envolvidas no seu funcionamento.

Referências

- BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no PB*. SP: Contexto, 2004.
- BECHARA, Ev. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro, Lucerna, 1999.
- BOWERS, John. The syntax of predication. *Linguistic Inquiry* 24: 591-656, 1993.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do Português contemporâneo*. Lisboa, Sá da Costa, 1984.
- FÁBREGAS, António. *The definition of the grammatical category in a syntactic ally oriented morphology: the case of nouns and adjectives. (La definición de la categoría gramatical en una morfología orientada sintácticamente)*. Dissertação de Doutoramento. Universidad Autónoma de Madrid. Servicio de Publicaciones, 2005.
- FÁBREGAS, António. “La relación entre morfología y sintaxis: compuestos de dos sustantivos y nombres de color.” *Verba* 33: 100-122, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Auelio da Língua Portuguesa*. 3º ed. São Paulo, Livraria Cultura, 2004.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre & ALMEIDA, M. Lúcia Leitão de. “Cruzamento vocabular no Português Brasileiro: aspetos morfo-fonológicos e semântico-cognitivos”, *Revista Portuguesa de Humanidades VIII*: 135-154, 2004.
- HOUAISS, António. *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Instituto Antônio Houaiss, 2001.
- MARTINHO, Fernando. *Sintaxe e Semântica dos Adjectivos Graduáveis em Português*. Dissertação de Doutoramento. Univ. Aveiro, 2007.
- MERY, Renaud, *Constructions impliquant des adjectifs judicatifs anglais (type wise): prédication holistique et prédication partitive*. Thèse de 3e cycle (Études anglaises). Paris, Université de Paris 3, 1983.
- RIBEIRO, Sílvia & RIO-TORTO, Graça. *From compounds to phrases: evidence from English, Italian and Portuguese*. Comunicação apresentada pela primeira, ao congresso “Universals and Typology in Word-Formation”. Kosice, August 16-18, 2009.
- RIO-TORTO, Graça & RIBEIRO Sílvia. Compounds in Portuguese. *Lingua e Linguaggio VIII(2)*, p. 271-291, 2009.
- RIO-TORTO, Graça & RIBEIRO, Sílvia. Portuguese Compounds. *Probus* 24: 119-145, 2012.
- RIO-TORTO, Graça. *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*. Dissertação de doutoramento. Universidade de Coimbra, 1993.
- RIO-TORTO, Graça. Nouns in apposition. *Revista de Linguística da Universidade do Porto*, 2013.
- RIO-TORTO, Graça. Prefixação e composição: fronteiras de um contínuo. *Verba* 41, 2014.
- Diadorim*, Rio de Janeiro, Número especial, p. 11-24, 2013.